

//Anexo – Histórico Morro da Providência

A Comunidade do Morro da Providência, no bairro da Gamboa, na I Região Administrativa, Zona Portuária do Rio, é a mais antiga favela da cidade do Rio de Janeiro. O Morro da Providência tem como limite o Cemitério dos Ingleses, ao norte; a Pedra Lisa, ao sul; a Vila Portuária, a oeste; e as Ladeiras do Barroso e do Faria, a leste. A ocupação do Morro da Providência começou no século XVII, quando a cidade do Rio de Janeiro encontrava-se em expansão. Vizinho aos morros da Pedra Lisa, da Conceição, do Pinto, de São Bento e de São Diogo, já foi conhecido por vários outros nomes. Inicialmente designado Valongo, quando em 1670 foi construída na Chácara de João Caieiro, a Capela de Nossa Senhora do Livramento. Mais tarde essa capela passou a dar nome ao morro: Livramento. Por volta de 1770, a região servia de base para armadores, traficantes de escravos, pescadores e embarcações. Nessa época, o Valongo acolheu o principal comércio de escravos, com a instalação do trapiche/armazém “Depósito de mercadorias negras”.

Em 1839, nasceu no Morro, já conhecido como do Livramento, um personagem ilustre e até hoje motivo de orgulho para seus habitantes: Machado de Assis, que no livro “Memórias póstumas de Brás Cubas” faz referência à paisagem que o morro tinha naquela época: “... o morro estava ainda nu de habitações, salvo o velho palacete do alto, onde era a capela...” Realmente, registros indicam que, até 1840, não havia habitações visíveis no Morro da Providência.

A partir de 1850, inicia-se no morro a exploração de pedreiras, prática que se intensificou ao longo dos séculos XIX e XX devido à expansão da cidade. A atividade reduziu a área do morro e permitiu a abertura de dois caminhos: o da Formiga, que durante algum tempo também deu nome ao morro (atual Rua Ebroíno Uruguai) e a Rua da Providência (depois Rua Rego Barros).

Em 1858, foi implantada pelo Barão de Mauá a Estação Central e um trecho da Estrada de Ferro D. Pedro II, mais tarde denominada Central do Brasil. Em 1879, foi inaugurada a Estação Marítima nas proximidades do terminal ferroviário. Para interligar as duas estações, foram abertos dois túneis que cortavam o Morro da Providência, já que o terminal ferroviário-marítimo situava-se entre o morro e o mar.

Quando em 1889, com a Proclamação da República, o Rio de Janeiro passou a ser a capital do Brasil, tornando-se o grande polo econômico do País, as atividades portuárias contribuíram para o povoamento do morro. Foram construídos armazéns e depósitos destinados a armazenar produtos provenientes das importações. Vários historiadores, pesquisadores, cronistas e jornalistas também afirmam que o Morro da Providência teve sua formação na época em que foi ocupado por soldados que participaram da Guerra de Canudos. Estes soldados imaginavam que, ao chegarem ao Rio de Janeiro, em 1897, seriam tratados como heróis da Guerra.

Mas não foi bem assim: além de não serem considerados heróis, não receberam seus soldos. Os ex-combatentes, então, se instalaram na encosta do morro, que fica atrás do prédio que abrigava o Ministério da Guerra. Os casebres amontoados e os becos estreitos se assemelhavam ao Arraial de Canudos. No oratório erguido no alto do morro os soldados puseram a imagem de Cristo que pertencera a Antônio Conselheiro. Identificando-se mais com os inimigos do que com seus comandantes, os soldados também passaram a chamar o novo

arraial de Morro da Favela, fazendo assim uma analogia com os morros que circundavam Canudos e que eram repletos de árvores espinhentas, conhecidas no nordeste pelo nome de “favelas”.

Mais tarde o termo favela, utilizado para classificar habitações precárias em áreas de morro, foi ficando tão genérico que novamente passaram a chamar o Morro da Favela de Morro da Providência. A ocupação do Morro da Providência se intensifica a partir da política higienista do final do século XVIII. Sendo o centro do Rio de Janeiro área portuária de grande importância para a economia da época e como local de maior concentração populacional, concentrava expressivo número de habitações com grandes aglomerados populacionais: os conhecidos cortiços ou “cabeça de porco”. A política implantada pelo prefeito Barata Ribeiro previa a remoção desses cortiços, considerados impróprios. Muitos desses moradores removidos instalaram-se na encosta do morro da Providência, próxima ao local dos antigos cortiços. Portanto, a população, que foi ocupando os espaços no início de sua formação, era composta por antigos moradores dos cortiços, imigrantes, escravos e trabalhadores das primeiras pedreiras.

O oratório construído pelos soldados no ponto alto do Cruzeiro é a herança ainda dos tempos que fazem lembrar a Guerra de Canudos e é valorizado até hoje pelos moradores mais antigos. Foi reformado em 1901 pelas vivandeiras – mulheres que acompanhavam as tropas para vender comidas. Essas mulheres chegaram ao Rio de Janeiro, não puderam permanecer no pátio do Ministério da Guerra e logo ocuparam o morro. O Morro da Providência teve grande importância para a vida cultural da cidade, a partir do século XX. Blocos carnavalescos e escolas de samba formados por moradores e frequentadores do Morro da Providência faziam parte dos desfiles carnavalescos da época e incrementavam a cultura do morro, que, cada vez mais, ganhava adeptos e expressão na cidade.

O Morro da Favela era um dos mais famosos redutos dos sambistas. O Buraco Quente, área conhecida na Providência como Cruzeiro, era considerado por alguns como sendo o último reduto dos malandros, nos idos de 1930. Pela sua importância, foi tema de músicas de sambistas como o famoso Dodô, assim como tema de escolas de samba na década de 40. Vários blocos carnavalescos como “Fala Meu Louro”, “Bloco do Barroso” e “Fique Firme” nasceram na Providência. Os moradores acreditam que a Escola de Samba Vizinha Faladeira, também fundada na Providência em 1923, seja a primeira escola de samba do Rio de Janeiro. Os moradores, em grande parte, consideram São Jorge e São Cosme e Damião como santos protetores do Morro. Em suas ruas e becos, vários oratórios foram erguidos e são mantidos pelos moradores. A devoção a São Jorge também é antiga.

No século XX, com o aumento no número de construções populares, o problema da falta de espaço se agrava na Providência. A isso alia-se o trabalho das pedreiras que abriram no morro um abismo de 100 metros de profundidade e mais de 50 metros de extensão. Os jornais da época afirmavam que a ameaça de desmoronamentos provocados pela exploração da pedreira era uma constante para os moradores da favela.

Segundo dados oficiais, em 1968, desabamento no Morro da Providência soterrou mais de 50 pessoas. Após esse episódio, a pedreira foi interditada e um decreto governamental impediu a exploração de rochas/pedreiras no perímetro urbano. Laudos da GEO-RIO classificavam algumas áreas do Morro da Providência como de risco de desabamento e recomendavam a remoção imediata de todos os barracos da vertente da Central do Brasil, parte da Pedra Lisa.

Em 1975, outro deslizamento determinou a retirada de barracos próximos à Praça Américo Brum. A ameaça de remoção gerava clima de insegurança entre os moradores, que resistiam à possibilidade de irem para áreas distantes e de difícil acesso. Todos esses acontecimentos, entretanto, não impediram que a favela continuasse a se expandir devido à sua proximidade com o centro da cidade. O processo migratório verificado nos grandes centros urbanos trouxe para a favela novos moradores, muitos oriundos da região Nordeste. Vieram também moradores de outras favelas e de conjuntos habitacionais que foram ocupando os espaços cada vez mais escassos. Essa heterogeneidade provocada pelos novos hábitos, culturas e atitudes causaram diferenças entre antigos e novos moradores, provocando mudanças na identidade do morro, tanto em seu aspecto físico quanto cultural.

Em outubro de 1968, com o objetivo de melhorar as condições de vida dos moradores, foi fundada a Associação Pró-Melhoramentos da Favela do Morro da Providência, permanecendo como a Associação dos Moradores até os dias atuais. Iniciativas como a pavimentação do caminho de acesso à favela (antigo Sessenta), em 1970, e a ligação da água do reservatório no Cruzeiro, em 1974, foram obra dos moradores. Além dessas, poucas outras vezes o Morro da Providência, atualmente com 4.094 (fonte: IBGE Censo Demográfico, 2010) moradores, foi contemplado com melhorias de infraestrutura. Uma delas foi o voluntariado de missionários metodistas norte-americanos que, com alguns moradores, construíram vias de acesso, pavimentaram caminhos do morro e instalaram uma rede de esgotamento sanitário.

No início deste século foram realizadas obras de urbanização, infraestrutura e edificações com recursos do Programa Favela Bairro. Foi implantada uma creche pública, quadra esportiva, construído o POUSO, área de manejo de resíduos sólidos para a COMLURB e o mirante. Aliado à intervenção foram também iniciados os levantamentos para implantação de um Museu a Céu Aberto - sob coordenação da arquiteta Lu Petersen, valorizando a história da Igreja Nossa Senhora da Penha, da Capela do Cruzeiro e do antigo reservatório de água.

Em 2010 foi desenvolvido um novo projeto visando atender à questão de acessibilidade e a integração com os projetos do Porto Maravilha. O complemento das obras de urbanização e infraestrutura atendeu ao setor conhecido como "Sessenta". Foi construído um Equipamento de Desenvolvimento Infantil e um Centro de Trabalho, Emprego e Renda. Para a melhoria da acessibilidade foram projetados sistemas de teleférico e plano inclinado. O teleférico foi construído com três estações (Central do Brasil, Américo Brum e Gamboa) e inaugurado em 2013. Os recursos para estas obras foram oriundos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). As demolições das edificações foram paralisadas devido à notificação judicial.

Pedra Lisa

A favela Pedra Lisa é uma expansão do Morro da Providência. Em 1965, houve o deslizamento de pedras sobre a favela, destruindo várias moradias precárias. A Viação São Silvestre removeu alguns casebres, o que gerou impacto negativo. Em seguida, na tentativa de diminuir os prejuízos, construiu-se um galpão precário subdividido para abrigar os removidos. A Associação de Moradores informou que a ocupação da parte baixa foi posterior a da parte alta.